

ELEONORA DUSE

Luis-Philippe Pereira Leite

Eleonora Duse nasceu em 1859 e faleceu em 1924.

Atriz dramática italiana, considerada a maior diva de sua época.

Eleonora Duse parecia viver seus papéis ao invés de interpretá-los. Os críticos a admiravam por seu estilo natural e sincero.

Gabriel D'Annunzio escreveu para ela algumas de suas melhores peças, como "A Gioconda" e "Francesca da Rimini". Apaixonando-se pela atriz, para ela escreveu o romance "O Fogo" em 1900, baseado em seu romance real. Por causa desse livro, Eleanora Duse teve de se afastar do palco durante 20 anos. Foi umas das primeiras intérpretes de Ibsen, nas peças "Hidda Gabbler" e "Rosmersholm". Eleanora Duse nasceu num trem, durante uma viagem de seu pai, ambos atores, pela Itália. Aos 14 anos fez o papel principal em "Romeu e Julieta". Apresentou-se diversas vezes no exterior, inclusive no Brasil. (Enciclopédia Delta - v. 5, p.2.649)

Grande admirador da artista, o parlamentar mato-grossense João Vilasboas, deu i seu nome à filha que nasceu em Cuiabá, em 16 de setembro de 1916, fruto de sua união com Valdomira do Couto, senhora bonita e elegante, que vinha de dois casamentos anteriores. Eleonora Duse Vilasboas foi minha companheira de infância. Brincamos juntos na antiga Travessa da Assembléia n.6, onde passei a residir a partir de 1922.

Morava ela ora na rua de Baixo, em casa que ficava vizinha do comércio de Manoel Felizardo da Costa Campos, casa essa que, anos mais tarde seria de Jorge Dreux, que ele transformou em pequeno sobrado, e hoje em dia, sede do Museu de Pedras. As vezes Duse e sua mãe passavam uma temporada no casarão da rua Pedro Celestino n.23, esquina da Travessa da Assembléia, onde ficava o escritório de advocacia do pai.

Organizávamos teatro e ela representava muito bem, cantando músicas da época, muitas das quais em espanhol. Era inteligente, mas não teve persistência na sua escolaridade. Com a vinda de Mário Mota e família de Cáceres, a parte da casa da rua Pedro Celestino passou a ser ocupada

pelo cunhado e pela irmã de Vilasboas. O contato com Duse diminuiu, e na época do ginásio ela freqüentava a casa de sua tia Donana, excelente costureira, casada com Cândido Joaquim de Carvalho, alto funcionário da Delegacia Fiscal de Mato Grosso. Este casal residia em casa alugada da Santa Casa de Misericórdia, situada entre a residência de José Joaquim Graciano de Pina Filho e o consultório dentário de Walter Jeffery, em frente ao Hotel Gama. Este casal não tinha filhos, mas criava a Ana, filha da Valdomira e irmã de Duse, e mais tarde se casaria com Ranulfo Corrêa, viajante comercial e empresário no sul de Mato Grosso, que estabeleceu mais tarde linha de ônibus e de transporte de carga, ligando Campo Grande a Cuiabá. Duse enamorou-se uns tempos de seu primo irmão, Euricles Mota, mas o namoro foi efêmero. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde se casou com o advogado mineiro, comissário de polícia, Luís Gonzaga Noronha Filho, alcunhado Zico, e dessa união, logo desfeita, permaneceu um filho único, Luís Gonzaga Noronha Neto. Rapaz brilhante e talentoso, fez concurso para ingressar no Ministério Público Federal, logrando excelente classificação, juntamente com Celso Fernando Leite de Barros, corumbaense, que então estagiava no Rio, no escritório de João Vilasboas. Neto deixou duas filhas, pois faleceu muito jovem. Duse criou algumas meninas, filhas das suas empregadas, e com estas viveu no apartamento do Leme até falecer. Este ano estaria completando 80 anos.